

Histórias compartilhadas: poéticas do movimento e da voz

Histoires partagées: poétique du mouvement et de la voix

Renilda Rodrigues Bastos

Universidade do Estado do Pará UEPA
Belém/PA - Brasil

Resumo

Este texto compartilha duas experiências realizadas, na Universidade do Estado do Pará (UEPA), na área das linguagens artísticas que envolveram muitas pessoas no decorrer de suas existências como discentes na Universidade, as lembranças dão conta de tempos com muitos lapsos, visto que muitos fragmentos se perderam na poeira do tempo. Desse modo, as informações aqui relatadas, dizem respeito ao Grupo de Cultura Popular da UEPA, projeto de Extensão, realizado no extinto Curso de Formação de Professores do Pré-Escolar à 4ª. Séries e ao Grupo de Contadores de Histórias da UEPA – GRIOT, projeto de extensão, do Núcleo de Culturas e Memórias da Amazônia/CUMA.

Palavras - chave: Dança; poesia; histórias.

Résumé

Ce texte a l'intention de partager deux expériences réalisées, à l'Universidade do Estado do Pará (UEPA), dans le domaine des langages artistiques qui ont impliqué de nombreuses personnes au cours de leur existence en tant qu'étudiants à l'Université, les souvenirs représentent des moments avec de nombreux lacunes, car de plusieurs fragments se sont perdus dans la poussière du temps. De cette façon, le Groupe Culture Populaire de l'UEPA, un projet d'Extension, réalisé dans l'ancien Cours de Formation des Enseignants du Préscolaire au 4ème. Série et le Groupe de Conteurs de l'UEPA – GRIOT, projet d'extension, du Noyau des Cultures et des Mémoires de l'Amazonie/CUMA.

Mots-clés: Danse; poésie; contes.

Introdução

Gosto de histórias e gosto desde sempre, nem sei como seria viver sem elas, sejam orais, sejam escritas, visuais... estou sempre em volta delas e elas de mim. Ser professora é ser Contadora de Histórias e ouvir as histórias dos alunos e alunas que, também, além de ouvintes, contam suas histórias e nos dizem como são, de onde vêm, seus passos e até onde podemos acompanhar. Histórias são as nossas grandes possibilidades de ensinar e aprender. No meu caso, vêm de longe, lá da infância.

Quando criança, uns seis anos mais ou menos, minhas lembranças são muito nítidas das caixas de livros que chegavam, em minha casa na cidade de Curuçá, vindas do Rio de Janeiro. Além dos livros, revistas e gibis, vinha junto uma grande carta, de mais ou menos umas dez páginas. Páginas de amor, de saudade, de coisas do cotidiano, da vida de três rapazes e uma moça.

Essas cartas, escritas em letras bem desenhadas e bonitas, eram de minha tia Leontina para minha mãe, sua irmã mais nova. As duas eram irmãs de pai e mãe, porém, jamais se conheceram. Quando minha mãe nasceu, sua irmã 17 anos mais velha já havia casado e ido morar no Rio de Janeiro. Essa é uma história linda e triste, no entanto, está aqui apenas para ilustrar o período em que eu comecei a contar histórias.

As cartas chegavam, a mamãe lia em voz alta e eu decorava. Quando isso ocorria, chegava no grupo escolar onde estudava, reunia colegas nas horas vagas e contava os assuntos das cartas como se fossem histórias inventadas por mim. Os ouvintes ficavam impressionados e eu feliz porque eles me ouviam e me respeitavam muito por causa das histórias. Ocorria sempre tudo bem, até chegar na segunda série do curso primário e a professora, grande amiga de minha mãe, perceber que nas reuniões com os alunos e alunas da turma eu falava com eles do Rio de Janeiro como se já tivesse estado lá, talvez, até inventasse algumas coisas. A professora chegou para minha mãe e relatou sobre as histórias que “inventava” sobre o Rio de Janeiro, mamãe percebeu o que acontecia e parou de ler na minha presença, afinal eram fatos da família dela.

A professora achava bonito eu contar histórias, então, me deu um livro, o primeiro que ganhei de alguém fora da minha família. Fiquei muito feliz e ela deixava eu ler para meus colegas. Livros eram algo comum, visto que duas irmãs de meu pai eram professoras e eram leitoras, bem como seus maridos. E, nós, os sobrinhos e sobrinhas éramos bem-vindos à casa delas para aproveitar de seus livros, além do que tínhamos em casa.

Minha irmã mais velha lia muito e ficava quieta com suas histórias, eu tinha necessidade de falar de tudo que lia ou ouvia, tenho certeza que, muitas vezes, fui chamada de mentirosa, porque achavam que inventava muito, principalmente, quando, na

rua em que morava, apareceu um homem muito alto, que usava uma calça *Lee*¹, dizendo que tinha desertado da guerra do Vietnã, David era o seu nome (seu Deividi, como nós, as crianças da rua, o chamávamos). Um vizinho nosso o acolheu por vários anos, o que foi bom, porque ele aprendeu a falar bem português e contava histórias dos EUA.

Nunca esqueci esse homem que depois ajudou bastante quem o ajudou. Por onde andaré o seu Deivide? É claro que eu ouvia as histórias e compartilhava sempre. Havia outras fontes, havia os livros, Tia Maria, papai, mamãe, que faziam todo o possível para que nós tivéssemos acesso à leitura, mamãe continua sendo a leitora mais proficiente que conheci. As caixas de livros que a tia mandava eram uma felicidade, além das titias, nossas professoras, nesse caso titias mesmo. Em sala de aula, eram chamadas de professoras Tereza Rodrigues Gomes e Orlanda Rodrigues Guimarães, a titia Orlanda é nome de uma escola pública em Curuçá.

Muito resumidamente, conto esses fragmentos da memória para dizer que esses caminhos fizeram-me escolher ser professora muito cedo. Fui para Belém fazer o pedagógico no Instituto de Educação do Estado do Pará (IEEP), ao terminar o curso, fui aprovada no primeiro concurso público que houve, para professora do ensino fundamental, do Pré-Escolar à 4ª série. Ainda que tenha sido uma boa aluna, afinal queria ser professora, por isso aprendia as técnicas e sabia os procedimentos didáticos, mas, devo ressaltar que foram as histórias que me salvaram quando tomei posse do cargo e fui ministrar aula para 40 crianças de primeira série.

Após a graduação em Letras, vieram o Ensino Fundamental e o Ensino Médio lembrados com carinho, caminhos repletos de histórias, de poesias, dos recortes de livros didáticos, até aportar na UEPA em 1992, local onde eu e Paulo Lima, professor da UFPA atualmente, nos encontramos e realizamos um projeto que foi importante para nossa formação acadêmica e de nossos alunos e alunas do Curso de Formação de Professores do Pré-Escolar à 4ª Série.

Duas disciplinas e um encontro

Passamos em um concurso para professor efetivo da Fundação Educacional do Estado do Pará (FEPEP), curso de Formação de Professores do Pré-Escolar à 4ª Série. Um curso com uma metodologia diferente das aulas instrumentais, às quais estávamos acostumados. A mais importante atividade era a pesquisa que os professores propunham em sua disciplina, os alunos eram orientados sobre conhecimentos pesquisados que depois eram socializados e as aulas instrumentais ocorriam no início do semestre.

¹ Lee é uma marca americana de jeans, produzida pela primeira vez em 1924 em Salina, Kansas.

O projeto do Curso precisava de mais espaços do que os que eram ofertados para as disciplinas, por esse motivo os professores de áreas afins ficavam na mesma sala. As salas tinham quatro mesas para quatro professores. No meu caso, ministrava a disciplina Formas de Expressão e Comunicação Humanas (FECH), que ficava na mesma sala da disciplina Recreação e Jogos, ministrada pelo professor Paulo César Lima.

Nosso encontro se deu dessa forma e o interesse por temas comuns nos levou a propormos no primeiro momento de trabalho conjunto uma Oficina de Danças Populares para nossos alunos e alunas. A parte teórica e prática. Depois, em virtude do interesse de muitos participantes da oficina, escrevemos um projeto de extensão e criamos um grupo de Danças Populares da UEPA, que, à época, chamavam de Grupo de Cultura Popular. Na verdade, era uma forma de chamarmos atenção dos futuros professores para as Poéticas Orais, quando nem tínhamos conhecimento, nesses termos, então, íamos pelo campo do Folclore, porém sem imaginar que logo à frente precisaria estudar bastante os fenômenos da voz e do corpo como performance, a partir dos estudos de Paul Zumthor. Fizemos viagens para o interior, aprendemos as formas de dançar das pessoas do interior para melhor representá-las artisticamente.

O grupo foi formado, ensaiava, aprendia e fazia muito sucesso, tivemos o auxílio luxuoso de alunos do curso de Música e do Grupo Muxinga de Couro. O projeto era tão importante para a UEPA, para o Curso, que, apesar dos espaços reduzidos, ganhamos uma sala no Castelinho para ensaios, reuniões, para guardar as roupas e indumentárias do grupo, que acabou por aprender muitas danças populares do Brasil e se apresentar em muitos espaços de Belém, do interior e até fora do Pará. Tínhamos muito apoio, afinal éramos de um Curso de dava muito valor para arte, tanto é que havia a Videoteca, um projeto pensado pela professora Joseveth Miranda, que promovia tardes de arte. Escadaria de Arte, Varal de Poesia, produção de alunos e professores colocadas nos varais. Alunos, alunas, professoras e professores se apresentavam declamando poesias, viam filmes com seus alunos, exposições de artes plásticas, o nosso Curso realmente era um diferencial na UEPA.

Todavia, os professores fizeram outros voos para voltarem melhor preparados, muitos foram fazer mestrado, outros emendaram para o doutorado, assim o curso também foi mudando e muitos projetos foram sendo deixados de lado. Infelizmente, isso ocorre bastante, a falta de continuação de projetos importantes para o desenvolvimento da pesquisa, da extensão e do ensino. O nosso era de extensão, mas estava ligado à pesquisa dos professores e ao ensino, visto que os futuros professores precisariam trabalhar todos os aspectos de seus alunos e a dança uma de suas possibilidades. Afinal:

A dança, prazer puro, pulsão corporal sem outro pretexto que ela própria é, também, por isso mesmo, consciência. Tanto a dança de um só, quanto a de casal ou a coletiva, todos os tipos de dança aumentam a percepção calorosa de uma unanimidade possível. Um contrato se renova, assinado pelo corpo, selado pela efigie de sua forma, liberada por um instante (ZUMTHOR, 2010, p. 226).

Na verdade, a dança requer as figurações do corpo em movimento, ou seja, na poética dos movimentos, acompanha a música, a poesia da música, e toda a relação que alcança uma performance poética: “[...] fundo antropológico das “canções dançadas” ou “canções de dança” de todas as culturas conhecidas, fenômeno sem dúvida primeiro de toda poesia” (ZUMTHOR, 2010, p. 227). Nesse sentido, Zumthor (2010, p. 226) nos diz que ainda que possamos dançar modernamente das mais variadas formas, estamos nos encontrando com o passado, ainda que o mundo contemporâneo sempre esteja em busca de derrotar os valores tradicionais, “a dança expande em sua plenitude, qualidades comuns a todos os gestos humanos”.

Naqueles tempos, início dos anos 1990, líamos sobre a dança que precisaria ser muito parecida com aquela dançada por nativos em seus espaços, ou seja, quanto mais próxima ao nativo mais importante para ensinarmos seria, a nosso ver. Porém, ainda que toda dança esteja plantada na tradição, e a tradição é movente, a movência é realizada, porque o momento é outro, os tempos são outros, os poetas são outros. Então, hoje olho para aqueles tempos e via que estávamos mais ligados ao que era mantido de uma performance para outra, hoje prestaria atenção nas mudanças que ocorrem e nos mostram as atualizações poéticas do movimento. As vestimentas, as indumentárias... tudo que o corpo carrega tem relação com os valores que a performance alcança e desenha no espaço e no tempo.

Um projeto feito para alcançar os olhos de quem apreciava e movimentar a poesia corporal de nossos alunos, alunas e os nossos, porque nós – eu e Paulo – participávamos como dançarinos. Eu, às vezes, o Paulo Lima sempre, porque os homens eram mais difíceis de participarem de nosso projeto. A pesquisa das músicas, das danças, os ensaios, as roupas e acessórios, tudo no começo era estudado por nós dois, proposto ao grupo, passado algum tempo os membros do grupo se tornaram autônomos, se precisasse ir algum lugar se apresentar iam os que tinham disponibilidade, faziam as agendas que precisavam casar direitinho com todas outras atividades deles e nossas.

Em 1994, meu último ano da UEPA, tive oportunidade de vivenciar eternos momentos em minha vida. Um deles, foi ter a satisfação de ter participado do grupo de Cultura Popular da UEPA, com colegas do Curso de Formação de professores de séries iniciais (na época) de vários semestres. Pude realizar em prazer intrínseco do meu ser, que é arte de dançar, com vivências corporais, expressão e estudo da cultura popular regional. Lembro bem de atividades externas que aconteceram, como apresentações diversas como no Curro Velho, na Praça da República, Centro Comunitário na Cidade Nova, entre tantos outros momentos de aprendizado e construções do grupo. Todos os momentos foram ímpares, coordenados pelos professores Paulo Lima e Renilda Bastos que fizeram acontecer juntamente com uma equipe coesa e

harmoniosa de acadêmicos do curso, que foi alinhavado como um marco histórico de minha vida pessoal, acadêmica e profissional (Mariza Barbosa Pessoa de Oliveira, 2022).

Como a professora Mariza Oliveira, outras pessoas falam com saudade de um tempo de muitos encontros e aprendizados para todos nós que participamos do Grupo e da alegria e companheirismo, além do conhecimento que construímos juntos, da amizade, da torcida de um pelo outro e da continuação de nosso trabalho nos profissionais que ajudamos na formação em FECH e Recreação e Jogos. Ou como nos diz a professora Livia Faro:

O Grupo de Cultura Popular da UEPA foi mais um e o mais importante encontro com as Artes na jornada no Curso de Formação de Professores para o Pré-escolar até a quarta série do Ensino Fundamental. O curso tinha de um modo muito particular de organização curricular e isso movia espaços físicos e sociais efervescentes de artes. Tinha 17 anos, quando veio o convite para integrar o grupo em momento muito bonito realizado com frequência no hall do bloco onde nosso curso se realizava. Eram as tardes lítero-musicais, organizadas, se não me falha a memória, organizadas pelas professoras e professores de Formas de Expressão e Comunicação Humanas e Ludicidade e Recreação. O ambiente naquele dia estava muito colorido, livros de poema e Literatura Infantil que nunca havia tido acesso. De repente, ouvimos (eu e as demais pessoas no hall) ruídos pouco comuns no andar de cima, fomos nos aproximando da escadaria, quase como uma miragem os professores Renilda e Paulo descendo as escadas dançando Lundu e declamando poemas. Minha memória tratou de guardar misturando música, batuque, as vozes que anunciavam os poemas de tanto que era impossível separar todos aqueles estímulos estéticos. A tarde rolou lúdica como sempre: leitura, apresentações musicais, dança, teatro e nesse contexto a ampliação do grupo de Cultura. Da minha turma aceitamos de imediato e com entusiasmo eu, Daniele Calandrini, Márcio Felipe Maia, Dionilda Lacerda, Cléia Santos compor o Grupo, no primeiro semestre de 1993. Nos 4 anos seguintes o grupo se consolidou como grupo de pesquisa e extensão, com um projeto bonito de estudos, ensaios, viagens de pesquisa de campo. Saímos dos primeiros encontros no hall do prédio, para o prédio anexo onde ficava a Videoteca (onde hoje encontra-se o prédio do mestrado e doutorado) e na sala de vídeo, afastávamos as cadeiras e ensaiávamos. Cada dança, contudo, era estudada as histórias/História a elas relacionávamos a leitura do corpo, fazíamos laboratório de expressão corporal, assistíamos vídeos sobre danças, os seus municípios de “origem”, líamos poemas, recortes de jornais antigos, textos acadêmicos. Assim, até chegarmos à montagem coreográfica um longo caminho de produção de sentidos era percorrido por cada dançarino e músico. Não dançávamos, por exemplo, Lundu Marajoara sem ler Batuque de Bruno de Menezes; não dançávamos Retumbão, sem conhecer a importância da Capitoa da Festa da Marujada, sem compreender o significado do Santo Preto para aquela comunidade; não dançávamos Pretinha D'Angola sem conhecer a História do Bairro do Umarizal, e os caminhos que a população negra fazia na Belém de muitos séculos antes; não dançávamos Boi Bumbá sem ler Câmara Cascudo e Waldemar Henrique. O Grupo foi se constituindo na alegria do encontro e com bases importantes da pesquisa naquela época. Os encontros, como é possível ver, não se restringiam a ensaios, embora essa prática fosse importante para nós, cada reprodução das danças se ancorava em todas essas vivências que iam, e somente agora entendo, constituindo cada movimento nosso fazendo-os plenos de sentido. Esse modo de fazer nos possibilitou uma visibilidade diante de Grupos em Belém que faziam dança de tradição Amazônica. Havia um diferencial que nos proporcionava reconhecimento e respeito dos grupos mais antigos da cidade. Especialmente para mim, o grupo trouxe um acordar das primeiras experiências com a pesquisa de campo, ainda na adolescência. Aprender a ouvir os intérpretes; participar com profundo respeito aos cotidianos e às vozes de comunidades tradicionais,

compreender a importância daquelas manifestações artísticas para aquelas comunidades e para nós que as estudávamos, como no caso dos Mestres da Cultura Popular na festa do Çaire/Sairé, em Alter do Chão e Marujada em Bragança foram experiências acadêmicas, estéticas e humanas que me formaram e contribuíram a ser quem sou pessoal e academicamente (Livia Faro, 2022).

O testemunho da professora Livia Faro toca muitos caminhos percorridos pelo grupo, memórias de uma pessoa que desenha fenômenos do passado com o olhar do presente, memórias individuais nutridas a partir dos diversos fenômenos vividos pelo grupo com o qual ela conviveu e contribui para as nossas próprias lembranças, como nos diz Maurice Halbwachs (1990), ao que chamou de “comunidade narrativa”, ou seja, essa memória alcança a memória coletiva e tem papel imprescindível de contribuir para o sentimento de pertencimento a um grupo que compartilhou tantas atividades lúdicas, acadêmicas e poéticas. A narrativa de Livia complementa e suscita muitas lembranças minhas que estavam adormecidas. As histórias habitam a nossa memória, nos mostram tempos e lugares, além de mostrar as vozes coletivas de um grupo inteiro revelando traços fundamentais de nossas experiências.

Nesse aspecto, posso ressaltar ainda que, enquanto a memória social pertence a toda uma sociedade, a memória coletiva nos fala de grupos determinados no tempo e no espaço, “[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, e este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo e este lugar mesmo muda segundo as relações que eu mantenho com os meios” (HALBWACHS, 1990, p. 77).

Este é um texto de memória sobre um grupo, porém, as narrativas de duas pessoas que viveram a experiência das poéticas do corpo em suas várias possibilidades trazem à tona algo que estava um pouco esquecido na história de minhas atividades tão queridas e tão importantes para minha formação como professora e coordenadora do Grupo, junto com o professor Paulo Lima, nós dois trazíamos na bagagem de experiências o fato de ter o signo das danças populares no corpo. Participei do Grupo Folclórico do IEEP, na adolescência e o Paulo Lima já havia dançado em vários grupos, além de ser uma pessoa ligada à arte da dança em suas várias formas. Se isso não tivesse feito parte de nossas vidas não saberia dizer de que forma seria o nosso encontro.

Em 1994, meu último ano na UEPA tive oportunidade de vivenciar eternos momentos em minha vida. Um deles, foi ter a satisfação de ter participado do Grupo de Cultura Popular da UEPA com colegas do curso de Formação de Professores de séries iniciais (na época) de vários semestres. Pude realizar um prazer intrínseco do meu ser, que é a arte de dançar, com vivências corporais, expressão e estudo da cultura popular regional. Lembro bem de atividades externas que aconteceram, como apresentações diversas como no Curro Velho, na Praça da República, em um centro comunitário da Cidade Nova, entre tantos outros momentos de aprendizado e construções em

grupo. Todos os momentos foram ímpares, coordenados pelos Professores Paulo Lima e Renilda Bastos, que fizeram acontecer juntamente com uma equipe coesa e harmoniosa de acadêmicos do curso, que foi alinhavado como um marco histórico em minha vida pessoal, acadêmica e, também, profissional. Recortes fotográficos que estão gravados em Full HD em minha memória para SEMPRE... (Mariza Barbosa Pessoa de Oliveira- Professora do Atendimento Educacional Especializado /SEMEC e Coordenadora Pedagógica / Seduc.14/ 01/ 2022).

Nomes dos componentes do Grupo

Criadores e Coordenadores do Grupo: Professor Paulo César Lima e Profa. Renilda Rodrigues Bastos. Dançarinos: Adriana Simões, Ana Karla Magalhães, Ana Cláudia Lopes, Carlinho, Carmem, César, Cléia Santos, Daniela Calandrini, Dionilda Ferreira, Elizabeth Cunha, Francilena Paranhos, Inês Ribeiro, Livia Cristina Araújo, Márcio Felipe Maia, Mauro Oliveira, Marluce Gato, Nazaré Sacramento, Rosevone Nicolai Brito, Rubens, Sérgio Renato Pinto, Silmaria Santos. Músicos: Eraldo Lobo, Rosinaldo Rabelo, Júnior Lacerda, Nazareno Martins, Naldo, Mauro, Juninho.



Alguns momentos do Grupo, acervo dos componentes do grupo. Fonte: arquivo pessoal



Alguns momentos do Grupo, acervo dos componentes do grupo. Fonte: arquivo pessoal

GRIOT: Grupo de Contadores de Histórias da UEPA

As histórias recontadas,
 Não têm fim, nunca terão.
 Toda vez que alguém contá-las,
 Outras faces mostrarão.
 Na pauta de cada conto,
 Introduzindo um só ponto,
 Outros contos nascerão.
 Jamais permita que um conto
 Um dia venha morrer!
 Reúna um pouco de sonho
 Aos momentos de prazer:
 Conte um conto, aumente um ponto,
 Invente o próprio viver!

Seja um contador de histórias,
Inventor de alegorias,
Que este mundo, grave, anseia
Um pouco de fantasia.
Escreva uma história alegre
Inspirada na poesia.
Rasgue as cortinas da noite,
Abra as porteiras do dia!
(Antônio Juraci Siqueira)

Era o ano de 1999, chegando de volta à UEPA, após um longo período, para ser mais explícita, quatro anos e meio, tempo do mestrado em Teoria Literária (UFPA), tempo de duas moléstias muito graves, das quais me curei por verdadeiro milagre e muita luta. Voltei em agosto de 1999, segundo semestre e a disciplina Formas de Expressão e Comunicação Humanas, minha cadeira de concurso, foi a mesma que assumi na volta. Uma turma marcou esse retorno e o nascimento do projeto Contadores de Histórias da UEPA. Faz parte da minha prática acadêmica, conversar muito com alunas e alunos nas primeiras aulas. Falo um pouco de mim, apresento cada unidade da disciplina, como serão as avaliações, do que eu gosto, do que me irrita em sala de aula. Gosto que se apresentem, pergunto sobre suas leituras, sobre suas histórias...

Nessa turma do segundo semestre, pedi que me contassem a história de seus nomes, dos livros que leram, das histórias que ouviram quando crianças. Eu gosto de grupos, e, ao sair para o mestrado, deixei um grupo formado e que trabalhou muito bem sem mim, agora teria oportunidade de formar um outro grupo de Contadores de Histórias, visto que já coordenava um projeto chamado Contadores Itinerantes, pensado e escrito pela professora Socorro Simões na Universidade Federal do Pará (UFPA), mais voltado para as leituras de narrativas recolhidas pelo projeto Imaginário nas Formas narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense (IFNOPAP). Esse que criei na UEPA tinha diferenças do outro, porém ambos tinham a preocupação de formar leitores.

Assim, perguntei na sala, depois de algumas aulas, quem gostaria de fazer oficina de leituras para a criação de um grupo de contadores de histórias e foi assim que tudo começou. Vieram alunos e alunas do Curso de Formação de Professores do Pré-Escolar à 4ª série. Fazíamos leituras, decorávamos os repertórios de variados textos da Literatura universal, textos ditos infantis... à escolha deles e delas. Técnicas de respiração, de memorização, trabalho de corpo para melhorar a performance sem que houvesse a intenção de alguém ficar igual ao outro. A naturalidade dos participantes com os textos era respeitada, principalmente, porque não seria objetivo ser um grupo de espetáculos, mas de extensão preocupado com a leitura, com o compartilhar a palavra guardada no corpo, compartilhar, tirar das folhas dos livros e levar em frente.

Afinal, contar histórias é a arte de contá-las sempre, de novo. E essa arte pode se esvaír se histórias não forem recontadas, assim pensava Walter Benjamin. A

preocupação com a morte da narração tinha/tem uma justificativa real, se pensarmos que vivemos numa era de rápidas informações. Por isso, lutar contra a morte da narrativa é lutar contra a massificação do sujeito, é o que nos ensina Benjamin (1993) em seu famoso ensaio “O Narrador”. E pensando nisso, fomos em frente, lemos Benjamin e lemos juntos muitos textos que nos diziam da importância do Contador de Histórias, talvez, não mais como pensava Benjamin.

E escutávamos, memorizávamos e contávamos como se fosse mesmo uma faculdade quase que natural das culturas dos povos. Nosso contador estudava e aprendia a memorizar (decorar = passar duas vezes pelo coração) para compartilhar com as pessoas em vários espaços, em nosso caso, nas escolas públicas. No ano 2000, nas primeiras aulas, percebi um grupo de alunas que gostava de contar histórias, elas tinham repertórios e alegria ao falar de suas leituras e, assim, aceitaram, várias delas, ao serem convidadas a participar no Grupo de Contadores de Histórias da UEPA, que ganhou o nome de Griot, nome pesquisado pela professora Josebel Akel Fares que sempre dá seu apoio ao trabalho do Grupo.

Encontrávamo-nos uma vez na semana para estudos, escolher e decorar repertórios. O grupo se apresentava bastante, era muito conhecido, o que fazia a demanda de apresentações ser grande e o grupo, tendo bastante membros, às vezes, era dividido, para não prejudicar nenhuma das atividades da graduação. Cada um que entrava passava por todos os rituais da preparação para ser um contador de histórias. Assim sendo, o grupo foi fortalecido pelo trabalho em processo sempre e o resultado excelente. Em 2005, eu fui aprovada no doutorado em Antropologia da UFPA e precisei me ausentar. Os membros do grupo, já formados e fazendo especialização, deram continuidade ao trabalho, agora vinculados ao Grupo de Culturas e Memórias da Amazônia (CUMA), que havia sido criado em 2003, passando à condição de Núcleo de Culturas e Memórias e Memórias da Amazônia, do qual o Griot faz parte, também como um grupo de pesquisa do Núcleo.

No entanto, os participantes do Griot foram passando em concursos, se organizando em seus empregos e o grupo foi deixando o espaço da Universidade, cada Griot fazia em suas escolas e suas aulas o seu papel de contador de histórias, de vez em quando, o grupo se reunia para algum evento. Ficou esse vazio. Minha vida estava completamente repleta de atividades acadêmicas do doutorado, visto que não tive possibilidade de ficar completamente afastada para estudar. Continuei pesquisando sobre as Poéticas da Voz, performance, narrador, literatura e tudo que envolve esse mundo das histórias e dos contadores e, assim, que voltei para a UEPA, comecei a pensar em continuar o trabalho com o Grupo Griot e para isso abri vagas em oficinas para novos contadores de histórias.

O curso de Formação de Professores não mais existia, minhas disciplinas eram as Literaturas ministradas no Curso de Letras, então as oficinas para contadores de histórias envolveram os alunos e alunas de Letras e assim nasceu, em 2011, o Griot nova geração. O projeto “Griot: em prosa e verso” foi aprovado na chamada de projetos de extensão da UEPA (2011), mas sem verbas. Mesmo assim, as oficinas foram realizadas e o grupo Griot foi recriado. Em verso e prosa, o novo Griot acabou se transformando numa referência. Como nos diz a professora Carla Melo ao falar de seus mergulhos de memória – Griot.

Do tempo de se inscrever rememoro aquele 2012 meu encontro com o Grupo de Contadores de Histórias da UEPA-GRIOT. Digo sempre que o Griot me abriu várias portas. Dedico toda aprendizagem através dele que consegui estágios, bolsas de pesquisa, aprovação em entrevistas, construções sólidas no campo da docência. Caminhos que teci desde os primeiros encontros com o projeto Contadores de Histórias. De noites de encantamento, na primeira oficina me descobri apaixonada pelo poema Balada do amor através das idades, de Carlos Drummond de Andrade. Foi o primeiro poema de meu repertório, do começo de uma relação com o Griot. Depois deste muitos me atravessaram, na pele, no coração, nas cicatrizes, nas quedas, naquilo que não se quebra, nas marcas e entre a memória uma palavra que não se perde. Ouvi muitos poemas, nem todos os meus, naquela ocasião, para montar repertórios para as apresentações. Apreendi tanto a ouvir e memorizar os poemas do grupo que recebi o título carinhoso de memória de elefante. Tornei-me a memória do Grupo. Além dessa experiência, tive a oportunidade de coordenar algumas apresentações que aconteciam nos fins de semana. Nessa ocasião, o Griot foi, por um tempo, presença marcante nos matinais sábados do Centro Cultural SESC BOULEVARD. Tínhamos compromisso com as crianças que nos assistiam. Levávamos muitos poemas e nossas palavras mágicas que começavam com “vamos brincar de Poesia?” As histórias, as crianças, seus olhos atentos numa unívoca relação com a palavra poética. Foram tantos temas, repertórios e pessoas que estiveram conosco sentindo o mesmo frio na barriga, os olhares cúmplices, as palmas, o mesmo amor pela poesia. Entre tantos trabalhos tenho como guardados no meu afeto As Poéticas da Amazônia, apresentação que nos rendeu uma gravação em vídeo no Ver - o - Rio para representar o SESC BOULEVARD, na categoria Literatura evento SESC AMAZÔNIA DAS ARTES. Fomos o primeiro lugar. Com o mesmo repertório nos apresentamos no evento A noite é uma palavra, no CENTUR, nessa ocasião a primeira geração de GRIOTS se uniu com a segunda e foi uma grande celebração. Das apresentações nas escolas, nos palcos, nas salas de aula, recordo o saber, um sentir, uma saudade, o corpo do outro, o silêncio insubmisso, a palavra contada. Uma alegria de ter compartilhado tantos momentos afetuoso no Grupo Griot (Carla Melo, 02/ 2022).

O testemunho de Carla dá um panorama do quanto o Griot se firmou, muitos alunos e alunas fizeram as oficinas e acabaram por fazer parte do Grupo. Mais tarde, o Grupo pesquisou muito e ministrou oficinas para crianças e professores, na capital e no interior do estado, ou seja, contribuiu bastante para a formação de novos leitores e novos ouvintes.

O objetivo do Grupo mudou no decorrer dos tempos, da preocupação com a formação de leitores, passou a ser com os ouvintes e suas narrativas, além de suas leituras. Vários Trabalhos de Conclusão de Curso foram realizados estudando as práticas do Griot,

além da Dissertação de mestrado da Contadora de Histórias Adrine Motley que é do Grupo.

Como nos informou a professora Carla, membro do Griot, os Griots se reuniram e fizemos vários trabalhos juntos e continuamos querendo dar voz à poesia inscrita nos livros, mas uma pedra apareceu no meio do caminho, pelas circunstâncias não conseguimos juntar as pedras e fazer um castelo, como nos ensina Fernando Pessoa, então, após uma *live* por causa da pedra/pandemia, nos demos um tempo, mas não ficamos longe da poesia, da Literatura, somos todos professores. Então, o Griot continua sendo em cada um de nós, até que consigamos nos reunir de novo. Até antes da pandemia era muito comum perceber nos espaços da UEPA o grupo ensaiando, ou fazendo oficinas com professores do estado e de escolas particulares, promovendo Colóquios com outros grupos. Atualmente, grupos proliferaram no Pará, o que é muito importante para o estado, afinal as crianças quase já não escutam histórias em suas casas e os grupos, cada um de sua forma, propõem atividades que são muito interessantes para seus ouvintes.

O ano era 2013, depois do convite de uma colega de sala que fazia parte de um grupo de contadores de histórias, me vi sentado na plateia do Centur e pela primeira vez ouvi aquelas vozes potentes me apresentando a um mundo imenso e cheio de poesia. Essa poesia me invadiu sem pedir licença. Foi a primeira vez que me via frente a palavra contada com aquela performance e não demorou muito para eu estar encantado e, de alguma forma que até hoje não sei explicar, me vi pedindo para participar daquele grupo, mesmo sendo uma das pessoas mais tímidas do mundo. Depois de decorar o texto que mais me marcou naquela apresentação, Poema e Fuga em Ré Menor de Ruy Paranatinga Barata, pedi para ir a uma reunião do Grupo Griot e ali se deu o meu primeiro passo nessa jornada de aprendizado e amor pela palavra poética. Não consigo mensurar o quanto as experiências vividas com essa arte, com o Grupo Griot e os laços formados entre os membros puderam me fazer crescer e florescer (Rodrigo Joventino, 02/ 2022).

Sobre os contadores de histórias, devo ressaltar o quanto sempre tiveram uma importância muito grande nos mais variados lugares do mundo. Na Rússia, todo/a professor/a é necessariamente um/a contador/a de histórias.

Na França e outros países europeus, os contadores de histórias, além de contar histórias de memória, usam o livro como suporte de sua *performance*, são profissionais reconhecidos e na luta sempre por direitos de estarem nos espaços com boa remuneração. Os contadores de histórias tudo fazem para “nutrir” o imaginário das pessoas independente de sexo ou idade. Nesse país, desde os anos 1990, os contadores de histórias pleiteiam a regulamentação da profissão, luta ultrapassada e já em outros passos.

Na África, existem os Griot que além de suas performances com os ouvintes, eles guardam a História dos lugares, das pessoas, dos fatos importantes... Tudo de memória, quando o Griot envelhece ele prepara seu um herdeiro artístico. Quando morre um Griot é como se uma biblioteca fosse incendiada, pois eles são a própria biblioteca ambulante.

No Brasil, até os anos 1930, contadores e cantadores recitavam, cantavam e contavam histórias em praça públicas, casas de família, em escolas. Nas casas, a leitura era feita em voz alta para que todos tivessem acesso às histórias lidas. Essas práticas foram se perdendo, ao longo do tempo, por diversos motivos. Já nos anos 1990, começaram a surgir contadores de histórias urbanos formados no seio das universidades e de outras instituições. A diferença dos contadores natos, por assim dizer, que de ouvido aprendiam histórias, numa prática muito comum, para um contador de histórias cuja formação é realizada nas universidades, por exemplo, é que esse último precisa ler muito, pesquisar e se exercitar permanentemente, principalmente, em virtude da preocupação com o repertório artístico necessário. Nesse caso, não é só decorar o conto ou um poema e recitar, é, na verdade, um trabalho de exercício de memória dos textos, é preciso decorar, sorver as palavras, para que elas possam voltar, para os ouvintes, em voz e gestos.

Atualmente, a voz já consegue ter o seu espaço de novo, haja vista os muitos estudos voltados para a prática do ouvir e do contar histórias, bem como para os estudos da memória de quem conta e de quem ouve, além de outros temas relacionados à questão do ouvir e do contar histórias como prática cultural e artística. Contar histórias é como acender dentro de nós várias “fogueiras invisíveis”, momento de reencontrarmos nossos mitos, nossos contos, pessoas queridas, vozes saudosas de nossa infância, fogueiras que, longe do saudosismo, nos ajudam a enxergar construções de culturas várias. Um contador jamais substituirá o livro. Na verdade, hoje se conta histórias para formar leitores, para ouvir as vozes do outro. Um contador urbano se forma leitor para poder ser um contador de histórias. Uma forma de leitura que chama para outra e essa é a intenção.

O desafio de trabalhar com a voz e o gesto, em performance, em texto vivo é estimulante e difícil para quem precisa aprender a fazer isso com a naturalidade e entrega. Contar e ouvir história dando vida a elas, ao texto e a nós professores e, principalmente, por meio de nossa palavra proferida, criar eco em nossos alunos e nossas alunas para que eles e elas, também, possam, como os grandes contadores/as de histórias, contribuir com a longa memória cultural da humanidade que é tecida há milênios pela voz e pela letra num dinâmico intercâmbio que desenha mundos através da palavra.

Acreditando que a palavra pode chegar ao ouvinte-leitor via texto oral é que, no Brasil, vem se tornando prática na formação de contadores de histórias. As universidades vêm criando grupos de professores que estudam a prática de contar histórias, a narrativa oral, a memória e a *performance* dos contadores de histórias.

O Griot é uma referência reconhecida por outras instituições. Na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), há o Geo Tales, criado pela professora e paleontóloga Luiza Ponciano, inspirada pelo Griot. Estive na universidade ajudando na

implantação do grupo, desenvolvendo oficinas de performance e leitura. A professora e seu grupo trabalham com poemas e temáticas relacionadas à Paleontologia.

Nesse sentido, a preocupação foi sempre propiciar aos alunos e às alunas a possibilidade de conhecerem o valor da expressividade do corpo, do lúdico, da narrativa, da poesia, além da formação de leitores, ou seja, formar leitores – contadores de histórias por meio de um trabalho “artesanal” de voz / gesto e pensar a narrativa dos ouvintes. Como não nascemos com o talento de Sherazade, ou seja, não somos contadores “natos” nem aprendemos a exercitar nossa voz e nossos gestos, tivemos que aprender fazendo os exercícios necessários para dar voz/vida aos textos. Por isso, as oficinas semanais de jogos, de memória, exercícios dramáticos e verbais. Sessões de leitura para conhecimento dos mais variados textos literários e outros que eram (re)criados pelo grupo. Repertórios de textos clássicos da Literatura Universal, mitos, lendas, contos dos mais variados povos para que o grupo pudesse compreender que códigos culturais universais se relacionam com os códigos culturais brasileiros/paraenses. Sem esquecer que o compromisso do Griot é com a palavra compartilhada, sem ilustrações.

Como prometi escrever neste texto sobre dois trabalhos acadêmico-artísticos, preciso cumprir a promessa, já afirmando que essas narrativas não abarcam o vivido, são memórias do outro século, além do que este espaço não daria para todas as minhas lembranças, porém, meu objetivo é socializar sobre esses projetos que foram tão importantes para quem deles participou e para UEPA, nome levado a todos os lugares por onde os grupos andaram, sobretudo, que foram tão importantes para minha formação pessoal/acadêmica, bem como para todas as pessoas envolvidas.

Se a memória não me falha...

Componentes do Grupo de Contadores de Histórias da UEPA – GRIOT (1999) - Aluísio Freitas/ Dia Favacho/Núbia/ Sheila Patrícia/ Rita de Cássia.

(2000) Ana Cláudia Moscoso/ Adrine Motley/ Alessandra Dias/ Andréa Barros / Ellen Rose Bahia/ Simone Salgado/Keydson Costa/ Rosalina Henrique / Paulo Roberto Felipe (falecido).

(2012) Adriana Moraes/ Andreza Alcolumbre/ Byron Brasil/Carla Vasconcelos/Jéssica Melo/Edne Maués/Raquel Minervina/ Mayara Cristini Rodrigues/Mayara Keline Barros/Mara Almeida/ Romário Aires/Paulo Franco, Larissa Sarmiento.

(2013) Caroline Oliveira/Rodrigo Joventino.

(2018) Micheline Miranda/ Paulo Ana Beatriz Torres/ Heduarda Pompeu/ Isabelle Pantoja/Breno Oliveira/ Cintia Souza.

Alguns poemas e de histórias que fizeram parte do repertório do Griot:

Motivo – Cecília Meireles

A princesa e o cavaleiro Mário – autor anônimo

Dona Baratinha – autor anônimo
 Morte e Vida Severina – João Cabral de Melo Neto
 Evangelho segundo Mateus – adaptação de texto bíblico
 Mensagem aos Bruxos – Antônio Juraci Siqueira
 Mãe Preta – Bruno de Menezes
 Quarto Canto Fragmento 1- João Jesus Paes Loureiro
 Tempo de Menino – Dalcídio Jurandir
 Poema e Fuga em Ré Menor- Ruy Paranatinga Barata
 Similitudes – Antônio Tavernard
 Sortilégio – Adalcinda Camarão.
 Casa que já foste minha- Maria Lúcia Medeiro.
 Boto – Maestro Izoca
 Eu, Boto – Antônio Juraci Siqueira
 Curupira – Waldemar Henrique
 Uirapuru – Waldemar Henrique
 Cobra Grande – Waldemar Henrique
 Matinta - Antônio Tavernard
 Matinta – Eneida
 Boi Bumbá – Waldemar Henrique
 Pauapixuna – Ruy Barata e Paulo André Barata
 Foi Boto Sinhá – Antônio Tavernard
 Poema de Sete Faces – Carlos Drummond de Andrade
 Com Licença Poética – Adélia Prado
 Até o Fim – Chico Buarque de Holanda
 Cala Boca Bárbara – Chico Buarque de Holanda
 Geni e o Zepellin – Chico Buarque de Holanda
 Mãos Dadas – Carlos Drummond de Andrade
 José – Carlos Drummond de Andrade
 José – Adélia Prado
 Balada do Amor através das Idades – Carlos Drummond de Andrade
 O amor bate na aorta – Carlos Drummond de Andrade
 As Cem Razões para Amar – Carlos Drummond de Andrade
 Gota D'água – Chico Buarque de Holanda
 Os Ombros Suportam o Mundo – Carlos Drummond de Andrade
 Congresso Internacional do Medo – Carlos Drummond de Andrade
 A Flor e a Náusea – Carlos Drummond de Andrade
 Dona Doida – Adélia Prado
 Canção para os Fenômenos da Alegria – Thiago de Mello
 Estatuto do Homem – Thiago de Mello
 Faz Escuro Mas Eu Canto – Thiago de Mello
 Amar – Florbela Espanca
 Vou-me Embora pra Pasárgada – Manuel Bandeira
 Divino Maravilhoso – Caetano Veloso
 Como Nossos Pais – Belchior
 Confesso que Vivi – Pablo Neruda
 Auto do Círio – Bendito Monteiro

Um menino chega ao mundo – Thiago de Mello
 Poema de Natal Quase de Amor – Thiago de Mello
 Tecendo Amanhã – Thiago de Mello
 A Rosa de Hiroshima – Vinícius de Moares
 Língua – Caetano Veloso
 Convite – José Paulo Paes.
 A Arca de Noé – Vinícius de Moraes.
 Menina Bonita do laço de Fita – Ana Maria Machado.
 Ou isto ou Aquilo – Cecília Meireles.
 Leilão no jardim – Cecília Meireles.
 A foca – Vinícius de Moraes.
 O pato – Vinícius de Moraes.
 O menino que carregava água na peneira – Manoel de Barros.
 Paca, tatu, cutia não – Antônio Juraci Siqueira.
 O menino azul – Cecília Meireles.
 Até as princesas soltam pum – Ilan Brenman
 Chapeuzinho Amarelo – Chico Buarque.
 Divino Maravilhoso – Caetano Veloso
 É proibido Proibir – Caetano Veloso
 Hora H – Antonio Juraci Siqueira
 Igual Desigual – Carlos Drummond de Andrade
 Caso do Vestido – Carlos Drummond de Andrade
 (...)

Alguns momentos do GRIOT



Foto 1 e Foto 2-Acervo de Memórias Griot



Foto 1 e Foto 2-Acervo de Memórias Griot



Foto 1 e Foto 2-Acervo de Memórias Griot



Foto 1-Hall do auditório da UEPA. Foto 2- Café Literário-Barcarena-PA-Arquivo pessoal de Carla Melo



Foto 1 e Foto 2- Auditório do CENTUR- Acervo do I Encontro de Contadores de Histórias



Foto 1- Apresentação Poéticas da Amazônia/SESC Boulevard. Foto 2- Apresentação Nazaré em todo canto- Espaço São José Liberto- Acervo pessoal de Carla Melo



Foto 1- Nazaré em todo canto- Espaço São José Liberto. Foto 2- Auditório do CENTUR- Acervo de Memórias Griot



Foto 1- Apresentação em sala de aula. Foto 2- Sesc Boulevard- Acervo de Memórias Griot



Foto 1 e foto 2- Apresentação Vamos Brincar de Poesia- SESC Boulevard- Acervo pessoal Carla Melo



Foto 1- Hall de entrada do Teatro SESC Boulevard. Foto 2- Ver o Rio- Gravação em vídeo de Poéticas da Amazônia- Acervo de Memórias Griot



Foto 1- CENTUR. Foto 2- Auditório Paulo Freire-UEPA- Acervo de Memórias Griot



Foto 1 e Foto 2- Bastidores/ Camarim- SESC Boulevard- - Acervo de Memórias Griot



Foto 1 e Foto 2- Apresentação Poéticas da Amazônia-SESC Boulevard-Acervo de Memórias Griot



Foto 1 e Foto 2- Apresentação Poéticas da Amazônia-SESC Boulevard-Acervo de Memórias Griot



Foto 1- Academia Curuçaense de Letras, Artes e Ciência. Foto 2-SESC Boulevard-Acervo de Memórias Griot



Foto 1 e Foto 2- Apresentação Poéticas da Amazônia-SESC Boulevard-Acervo de Memórias Griot



Foto 1 e Foto 2- Auditório SESC Boulevard-Acervo de Memórias Griot



Foto 1 e Foto 2- 15 Anos do Griot- SESC Boulevard-Acervo de Memórias Griot



Foto 1 e Foto 2- Sala de Recitais- UEPA-Acervo de Memórias Griot



Foto 1 e Foto 2- 15 Anos do Griot SESC Boulevard-Acervo de Memórias Griot

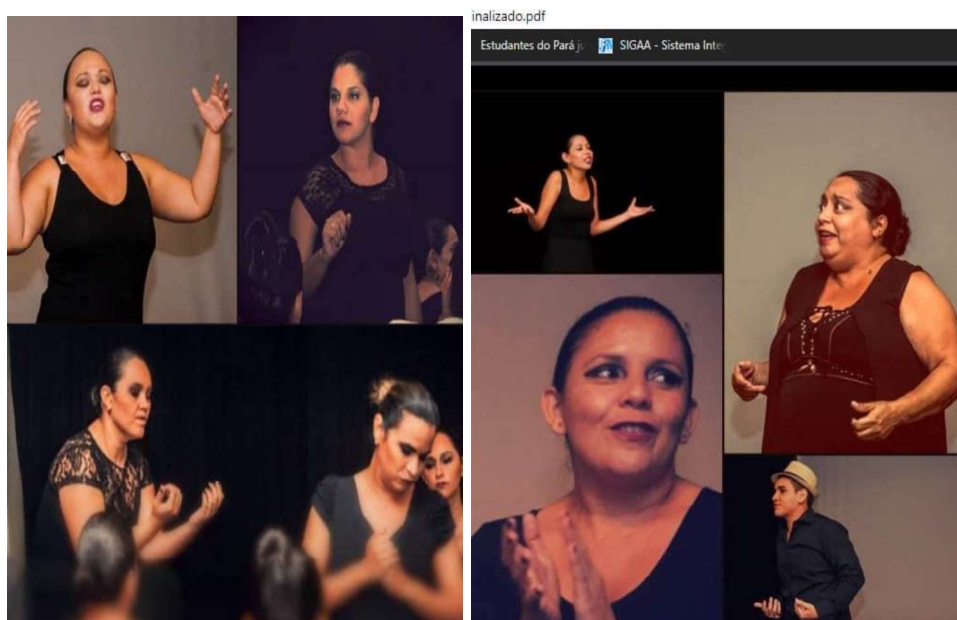


Foto 1 e Foto 2- Performances-Acervo de Memórias Griot



Foto 1 e Foto 2- Oficina Contadores de Histórias Griot- UEPA-Acervo de Memórias Griot



Foto 1 e Foto 2-Acervo de Memórias Griot

REFERÊNCIAS

BENJAMIM, Walter. **Obras escolhidas**. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FARO, Livia Araújo. **Testemunho**. 2022.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São. Paulo: Editora Revistas dos tribunais. Ltda, 1990.

JOVENTINO, Rodrigo. **Testemunho**. 2022.

PESSOATO, Mariza. **Testemunho**. 2022.

MELO, Carla. **Testemunho**. 2022.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Trad. Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Hucitec, 1997.

SOBRE A AUTORA

Renilda do Rosário Moreira Rodrigues Bastos Doutora em Antropologia (UFPA). Mestre em Teoria Literária (UFPA). Especialista em Literatura Infanto Juvenil (PUC / MG). Graduada em Letras e Artes (UFPA). Professora Adjunto IV da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Ministra as disciplinas: Literatura Brasileira, Literatura Infanto juvenil, Literatura Portuguesa, Estudos Literários. É professora dos cursos de Especialização nas áreas de Letras, Artes da UEPA. É Professora permanente do Mestrado Profissional em Letras (UEPA). Membro do Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA/ UEPA) e do IFNOPAP/UFPA. É Líder e criadora do Grupo de Pesquisa Contadores de História - GRIOT, que estuda a História dos Contadores Tradicionais e Contemporâneos e seus movimentos no Brasil (CNPQ), grupo ligado ao Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA). É membro do Núcleo de Pesquisa de Língua e Literatura - UEPA. Professora Colaboradora do Projeto de extensão GEOTALES da UNIRIO. É membro da Academia Curuçense de Letras, Artes e Ciências - ACLAC. É membro permanente do GT Literatura Oral e Popular (Poéticas Orais) da Associação Nacional de Pós-Graduação de Letras e Linguística – ANPOLL. E-mail: renildabastos@hotmail.com